

PARA ALÉM DA MORTE DE DEUS

Martha de almeida*

Resumo: A morte de Deus é um tema bastante explorado na filosofia nietzschiana, entretanto esta questão nos remete a outras, como veremos neste artigo. Na história da Filosofia foi necessário, primeiramente, que se fundamentasse o “eu” para que pudéssemos alcançar a evidência de Deus. No entanto, se o próprio eu cartesiano é posto à prova, como poderemos fundamentar a existência de Deus? Assim, fomos desconstruindo em nossa análise os fundamentos da idéia de Deus até chegarmos ao que realmente nos importava: as perspectivas, os caminhos, as certezas que sobraram ao homem após a morte de Deus. Restaram, então, seguindo os passos do pensamento nietzschiano, a valorização do corpo como lugar de profunda experimentação e da terra como possibilidade de mudança e superação, aumentando assim a dimensão da responsabilidade humana consigo mesmo e com o meio em que vive.

Palavras-chave: morte de Deus - Nietzsche - eu - corpo - responsabilidade humana.

Abstract: The God’s death is a subject much explored at Nietzsche’s philosophy; although this question leads us to another questions, as we will see on this article. In the history of philosophy it was firstly needed to build the “self” in order to reach the evidence of God. Nevertheless, if the self of Descartes is tested; how could we possibly construct the concept of God’s existence? Like this, by unbuilding the idea of act that God, in our analysis, at the point we reach out, what really counts: perspectives, trends, certainties that have been left to men after God’s death. What remains then, after God’s death, following Nietzsche’s thoughts, are the body’s value like a place of deep experiences and the earth as a possibility of change and development; increasing then the dimensions of human responsibility towards itself and the environment where it lives.

Keywords: God’s death - Nietzsche – self – body – human responsibility.

Para além da morte de Deus

A questão da *morte de Deus* é exposta por Friedrich Nietzsche, pela primeira vez, em *A gaia ciência*. Nela, o pensador nos conta a estória do insensato que sai em praça pública procurando por Deus.

“ ... Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar

* Doutoranda do programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- bolsista do Cnpq - orientanda de Rosa Maria Dias.

incessantemente: Procuro Deus! Procuro Deus! -E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma enorme gargalhada... Para onde foi Deus?...já lhes direi! Nós o matamos – você e eu. Somos todos assassinos! Mas como fizemos isso? ... Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus?... Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais - quem nos limpará este sangue?...”¹

A célebre constatação nietzschiana de que “Deus morreu”, representa, dentre outras coisas, o fim de uma época, a queda do modelo platônico de pensamento, o fim de um período onde tudo era explicado a partir da revelação divina, tendo como base a divisão entre um mundo divino (transcendente) e um mundo humano (material). Um momento do pensamento ocidental em que a “verdade” aparece sempre relacionada à religião judaico-cristã, às escrituras, a Deus, enquanto causa primeira, criadora de todas as coisas. Demonstra, historicamente, o fim do pensamento medieval e o início do pensamento moderno, onde o homem se coloca no lugar de Deus, através da valorização da ciência e da razão.

Assim, partindo do princípio de que, na modernidade, Deus não pode mais servir de pressuposto para a construção de qualquer forma de pensamento, o homem moderno substitui a fé em Deus (teologia), pela fé no homem (ciência), já que é ele mesmo quem instaura a ciência e lhe dá validade, concedendo-lhe estatuto de verdade. Conseqüentemente, desaparecem os valores absolutos, as essências, os fundamentos divinos, os dogmas, dando lugar à idéia de progresso, de qualidade de vida, de evolução histórica, de controle e mensuração da vida.

Assim, ao afirmarmos a morte de Deus estamos também afirmando, como o insensato da praça pública, que foi o homem que o matou. Este homem, que se coloca no lugar de Deus, é chamado por Nietzsche de o *último homem*. O homem da modernidade que inventou o trabalho e a ciência buscando, com isso, controlar a vida e alcançar sua própria felicidade, através da sociedade de consumo, desfrutando do conforto oferecido pelas coisas materiais.

Mas a questão da morte de Deus nos remete às raízes do conhecimento metafísico, por estar relacionada à desvalorização deste mundo, que divide a realidade, privilegiando um

¹ NIETZSCHE, Friedrich W. *A gaia ciência* - aforismo 125.

mundo ideal em detrimento do mundo em que vivemos.²

Neste sentido, ao desenvolvermos uma análise mais detalhada desta questão acabaremos por nos remeter a(à) própria história do conhecimento na Filosofia.

Deste modo, os problemas começam a partir de Platão, quando este, na *República*, utilizando-se da alegoria da caverna, afirma que vivemos em um mundo das sombras (mundo sensível), quase sempre impossibilitados de ver a luz (contemplação do mundo das idéias).

No *Timeu*, o Demiurgo cria o mundo segundo um modelo perfeito, compreendido pelo raciocínio, seguindo um modelo matemático. Estabelecendo uma divisão entre dois mundos: *o mundo das idéias*, mundo das formas perfeitas, eternas e imateriais, que serve de modelo para o *mundo sensível*, que é o mundo das coisas materiais em que vivemos.

O mundo material deve ser entendido, segundo Platão, como o mundo das *cópias* e dos *simulacros*, que são as cópias das cópias e que, por serem cópias das cópias, estão ainda mais longe da idéia perfeita, do modelo transcendente, sendo, por isso, considerados imperfeitos pelo pensador.

Deleuze nos mostra que vivemos no mundo dos simulacros, nos tornamos simulacros, pois, segundo a tradição judaico-cristã na qual estamos imersos, fomos feitos à imagem e semelhança de Deus, sendo o homem apenas uma cópia do modelo original, uma cópia imperfeita, que perdeu sua linhagem divina ao sair do paraíso, devido ao pecado original.

No pensamento platônico não há lugar para a diferença nem para o puro acaso original, pois a diferença pura é impensável.

Platão fala de uma idéia matematicamente perfeita, rejeitando, assim, a possibilidade de um caos anárquico. Em contrapartida, é exatamente esta a visão na qual Nietzsche se lança: a idéia de caos primordial.

Neste sentido, Nietzsche rompe com toda a tradição filosófica, tomando o caos como ponto de partida, permitindo assim que haja lugar para o acaso e a diferença, na Filosofia.

² DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido* – apêndice 1 - Platão e o simulacro p.263.

A crítica de Nietzsche ao cristianismo

Em sua autobiografia, *Ecce Homo*, Nietzsche partilha com seus leitores um de seus maiores medos:

“Tenho grande medo de ser, algum dia, santificado; desse modo, compreenderão por que eu publico antes este livro: deve ele evitar que se abuse do meu nome...Não quero ser santo, prefiro ser eu um palhaço... Todavia, ou talvez não todavia - porque até agora não há nada mais mentiroso quanto os santos - eu falo a verdade. A minha verdade é espantosa, porque agora a mentira se denominou verdade.. “ Transmutação de todos os valores”: eis a minha fórmula para um ato de suprema determinação de si mesmo na humanidade, ato que em mim tornou carne e gênio. O destino exige que eu seja o primeiro homem honesto, que me sinta em oposição às mentiras de vários milênios”.³

Na Idade Média, o platonismo serviu como base para a fundamentação do cristianismo em Santo Agostinho. Com a intenção de consolidar o cristianismo no pensamento ocidental, Agostinho elaborou a primeira síntese entre o pensamento cristão e a filosofia grega, conhecida como *platonismo cristão*.

Este é o momento histórico que vai dar razão à famosa constatação nietzschiana de que “o cristianismo é um platonismo para o povo”.⁴

Assim, a cristianização do Ocidente vai massificar a divisão entre dois mundos, a valorização da transcendência em detrimento da existência, a separação do homem em corpo e alma. Seguindo a semente plantada por Platão, o cristianismo vai se estabelecendo, ordenando mentes, vendendo seus céus, seus paraísos, instaurando sua “moral” com seus infernos e purgatórios.

“Já, em Nietzsche, não há opção nem pela metafísica religiosa nem pela ciência enquanto religião. Nem fé, nem razão: sem dualismos. Tudo é apenas fluxo de forças e a razão é apenas um acaso, como acaso são todas as coisas. Ora, nessa proporção, a visão nietzschiana é niilista? Sim e não. Sim, quando não necessita da vontade de verdade para pôr-se em segurança e nem quer tal segurança pois tudo é devir. Não, porque ao propor que o além-do-homem seja o novo homem, direciona-se numa filosofia que não busca sentidos para

³ NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce Homo* – cap.1 - Por que sou um destino? Aforismo 1.

⁴ MARCONDES, Danilo. *Introdução a História da Filosofia* - pg.109 - 113

a existência por já ter encontrado o sentido nela própria enquanto vontade de potência.”⁵

Foucault, em “a verdade e as formas jurídicas”, demonstra que o próprio sujeito do conhecimento tem uma história. Ora, a verdade tem também sua história, estando a questão da “morte de Deus” diretamente relacionada a essa história.

Na história do pensamento filosófico, a passagem do pensamento medieval para o moderno se dá através do cartesianismo. O problema central de Descartes é a necessidade de uma fundamentação sólida da possibilidade de um conhecimento verdadeiro.

Assim, pontuando o momento da “morte de Deus” como momento de ruptura entre o pensamento medieval e moderno, momento em que Descartes instaura o sujeito através do cogito, estando a possibilidade do conhecimento da verdade ainda garantida pelo Deus veraz. Neste contexto a idéia do “eu” é uma idéia natimorta, pois se “Deus está morto”, quem fundamentará o “eu”?

Assim segundo Foucault, Klossowski e Deleuze, três grandes comentadores da filosofia de Nietzsche(,) quando “Deus morre” morre também a possibilidade de um sujeito do conhecimento, de um sujeito pensante, do “eu”, enquanto conceito, da fundamentação teórica de toda teoria do conhecimento.

No prólogo de *Além do bem e do mal*, Nietzsche apresenta a verdade como uma mulher e afirma que os filósofos dogmáticos foram inábeis em conquistá-la, devido a superstições, como as da alma, do sujeito e do eu; superstições que segundo Nietzsche, ainda hoje, causam danos.

A interpretação de Foucault nos apresenta claramente a ruptura representada pelo pensamento nietzschiano no pensamento da tradição:

“Parece-me haver, nessa análise de Nietzsche, uma dupla ruptura muito importante com a tradição da filosofia ocidental e cuja lição devemos conservar. A primeira é a ruptura entre o conhecimento e as coisas. O que, efetivamente, na filosofia ocidental assegurava que as coisas a conhecer e o

⁵ NIETZSCHE, Friedrich W. *Para Além de Bem e Mal* - Prólogo.

próprio conhecimento estavam em relação de continuidade? O que assegurava ao conhecimento o poder de conhecer bem as coisas do mundo e de não ser indefinidamente erro, ilusão, arbitrariedade? O que garantia isso na filosofia ocidental, senão Deus? Deus, certamente, desde Descartes, para ir mais além, e ainda mesmo em Kant, é esse princípio que assegura haver uma harmonia entre o conhecimento e as coisas a conhecer. Para demonstrar que o conhecimento era fundado, em verdade, nas coisas do mundo, Descartes precisou afirmar a existência de Deus?”⁶

Seguindo a interpretação de Foucault, o conhecimento não está inscrito na natureza humana, não é algo dado instintivamente nem, ao menos, uma necessidade humana. Segundo Nietzsche, ele tem relação com os instintos, apesar de não ser um deles e, sim, resultado do conflito dos instintos, o resultado de um jogo, aquilo que se produz ao final da batalha travada por eles.

Neste sentido, a primeira prioridade de Nietzsche é inserir o discurso no corpo. Para o filósofo, o pensamento é corpo e o corpo é pensador. Neste sentido, é o corpo quem domina o intelecto, pois é nele que se experimenta, que se sente, que se afeta, é ele que, a todo instante, é transpassado por forças antagônicas, ativas e reativas. Sendo assim, o intelecto é como um instrumento para o corpo.

A idéia de vontade de potência, de que o homem é vontade de potência, de que a vida é vontade de potência, luta incessante de forças, eterno conflito, criar e aniquilar, a idéia de que todas as coisas nada mais são que aglomerados de forças que se atraem e/ou se repelem tem, de fato, alcance infinito, já que todas as coisas, bem como todos os acontecimentos, são, para Nietzsche, em primeira ou última análise, vontade de potência.

Essas forças podemos entendê-las como ativas ou reativas, apolíneas e dionisíacas, numa linguagem trágica, sendo seu conflito necessário. Porém, mesmo em meio ao caos, existe uma regência, uma hierarquia, a possibilidade de aumento ou diminuição de potência, uma harmonização do caos pela vontade.

O encontro de forças é natural, seu conflito, seu choque, seu antagonismo também, mas no homem, bem como em toda a produção humana, o trabalho de hierarquização das

⁶ FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas – pg.5-6.

forças, o domínio das pulsões e dos afetos, a educação dos instintos é uma escolha do próprio homem e só depende de sua vontade.

Neste sentido, a superação do homem pelo próprio homem, só depende dele mesmo, é um compromisso assumido com sua própria existência, na arte de tornar-se aquilo que se é.

O “pensamento incorporado” de Nietzsche só consegue se construir através de instintos, de afetos, de vontade de potência. Nietzsche pensa a vida e somente ela, não necessita de uma outra vida. Desta forma, o pensamento de Nietzsche está ligado à terra, é um pensamento enraizado, e o corpo tem sua existência na terra. Estando, assim, fixado à terra e não à transcendência, neste sentido o pensamento nietzschiano é um pensamento de fidelidade à terra.

Como podemos perceber no segundo momento em que Nietzsche reafirma a questão da morte de deus:

“Suplico-vos, meus irmãos! Permanecei fiéis à terra e não acrediteis naqueles que vos falam de esperanças extraterrestres! Envenenadores, eis o que eles são, quer o saibam quer não.

Desdenhadores da vida é o que eles são, uns moribundos, eles próprios envenenadores, eis o que eles são, quer o saibam quer não.

Desdenhadores da vida é o que eles são, uns moribundos, eles próprios envenenadores, de quem a terra está farta: pois desapareçam!

Outrora, a ofensa a Deus era o maior ultraje, mas *Deus morreu* e, com ele, morreram também esses sacrilegos. Agora, o que há de mais terrível é ultrajar a terra e dar mais apreço às entranhas do inescrutável do que ao sentido da terra!”⁷

A proposta do *sobre-humano* exposta por Zaratustra, está diretamente relacionada a esta questão, o super-homem é o sentido da terra, sendo a terra o lugar de ação, de liberdade, de estabelecimento da vontade do homem, de seu auto recriar-se. A terra é o lugar do *sagrado* em Nietzsche, lugar no qual reside a possibilidade de uma transvaloração de todos os valores, “religião dos espíritos livres”, onde nós, humanos, nesse processo incessante de superação e

⁷ NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim Falou Zaratustra* - Prólogo 3.

criação, nos tornamos deuses, sendo ao mesmo tempo artistas e obras de arte.

A proposta de afirmação da vida, de aceitação da vida mesmo nos momentos de dor e sofrimento, a transvaloração de todos valores, de superação do homem pelo próprio homem. Em verdade, o “sobre-humano” ao qual Nietzsche se refere a todo tempo em *Assim Falou Zaratustra* é o homem que consegue vivenciar o *amor fati* (amor ao destino), enquanto eterno retorno do instante, bem como todas as propostas nietzschianas, dentro de si, na busca de uma auto superação, visando, com isso, a transvaloração de todos os valores e, quem sabe, então, a partir daí, a superação da própria espécie.

É neste sentido que Nietzsche faz do trágico um projeto de sua vida inteira, a sabedoria trágica por si só já elimina a transcendência, a única coisa que precisamos “transcender” é o sofrimento, afirmando-o, transformando-o em alegria. Se existe alguma “transcendência” positiva, que por algum viés possamos enxergar em Nietzsche, é a transcendência, enquanto ato de superar, de transmutar seja o sofrimento em alegria, sejam os antigos valores em novos valores.

Essa proposta de afirmação incondicional da vida, de eterno dizer sim à existência no desvelamento de cada instante que se apresenta e que retorna, esse exercício pesado de constante aceitação, de fidelidade à terra exige força, coragem, é coisa para espíritos livres.

Assim, o pensamento de Nietzsche reverencia o corpo e a terra, , pois é por intermédio do corpo que podemos vivenciar a terra. É através dos sentidos, que podemos experimentar, construir, conhecer, a partir da sabedoria adquirida frente ao resultado do eterno conflito de nossos instintos. O fato é que, em Nietzsche, o conhecimento só é possível quando fiel à terra, ao corpo e à natureza *demasiadamente humana* do homem.

Assim, o corpo em Nietzsche é um aglomerado de forças que fluem e refluem, um “universo” sem territórios, e por isso mesmo destituído de um “eu”.

Segundo nos relata o filósofo no final de sua autobiografia, Ecce Homo:

O Conceito de “Deus” foi arquitetado como antítese ao da “vida” tendo sido reunido nele, em terrível unidade, tudo o que havia de abjeto, de venenoso, de calunioso: todo o ódio mortal contra a vida. O conceito do “além, do” mundo verdadeiro, foi criado para desprezo do único mundo que existe, para não conservar mais em relação à nossa realidade terrena qualquer objetivo, determinada razão ou alguma finalidade! Os conceitos de “alma” foram inventados para ensinar o desprezo do corpo, tornando-o doentio- isto é “santo” para opor-se a todas as coisas que merecem ser tratadas com seriedade na vida...”⁸

Desta forma, para que possamos ir além da questão da *morte de Deus* precisamos nos tornar deuses que pairam sobre a terra, fazendo dela o nosso lugar sagrado.

Referências bibliográficas

1. DESCARTES, René. *Meditações*. Trad. J.Guinsburg e Bento Prado Júnior. 3.Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
2. DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Trad. Edmundo F. Dias e Ruth Joffily Dias Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.
3. _____. *Lógica do Sentido*. Trad. Luiz Roberto S. Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.
4. _____. *O pensamento nômade in Nietzsche hoje?- colóquio de cerisy*. Orgs de Scarlett Marton; Trad. de Milton Nascimento e Sônia S. Goldberg. São Paulo: Brasiliense, 1985.
5. ESCOBAR, Carlos Henrique. *Nietzsche (“dos companheiros”)*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000.
6. FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. In *cadernos da PUC* – Rio de Janeiro: nº16, 1974.
7. GIACOIA Jr, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo-RS: Ed. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2001.

⁸ NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce Homo*. cap.IV. Por que sou um destino? Aforismo 8.

8. PLATÃO. *A República*. Trad. Enrico Corvisievi. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
9. MACHADO, Roberto. *Zaratustra a tragédia nietzscheana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
10. MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgeinstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
11. NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras.
12. _____. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Círculo do Livro s/d.
13. _____. *O Anticristo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
14. _____. *O nascimento da tragédia*. Trad. J.Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
15. _____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
16. _____. *Vontade de Potência*. Rio de Janeiro: Ediouro s/d.
17. ONATE, Alberto Marcos. *O Crepúsculo do sujeito em Nietzsche ou como abrir-se ao filosofar sem metafísica*. São Paulo: Discurso Editorial/Ed.UNIJUÍ, 2000.

Artigo recebido em 29/07/2009
Aceito em 25/09/2009